



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – INGLÊS**

JAQUECILENE ALVES DA SILVA

DORIAN GRAY: UM RETRATO DO HOMEM PÓS-MODERNO

**GUARABIRA
2017**

JAQUECILENE ALVES DA SILVA

DORIAN GRAY: UM RETRATO DO HOMEM PÓS-MODERNO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus III, Guarabira, em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura Inglesa.

Orientador: Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes.

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Jaquecilene Alves da.
Dorian Gray [manuscrito] : um retrato do homem pós-moderno / Jaquecilene Alves da Silva. - 2017.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Dorian Gray. 2. Indivíduo. 3. Pós-modernismo.

21. ed. CDD 823

JAQUECILENE ALVES DA SILVA

DORIAN GRAY: UM RETRATO DO HOMEM PÓS-MODERNO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba - UEPB, Campus III, Guarabira,
em cumprimento aos requisitos para
obtenção do grau de Licenciatura em
Letras - Habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura Inglesa

Orientador: Prof. Ms. Auricélio Soares
Fernandes.

Aprovada em: 27/11/2017.

BANCA EXAMINADORA

Auricélio Soares Fernandes

Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/UFPB)

Ana Carolina Dias da Costa

Prof. Ms. Ana Carolina Dias da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
(Examinador 1)

Caio Antônio Nóbrega

Prof. Ms. Caio Antônio M. Nóbrega Nunes (UEPB-UFPB)
(Examinador 2)

Ao meu filho, pelo amor e carinho, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me mostrou o tamanho da minha fé e da minha força de vontade em querer vencer este desafio.

Ao meu professor Auricélio Soares, que despertou em mim o interesse pela Literatura. Um professor que no dicionário não existe palavras para descreve-lo. Aquele professor odiado por uns (aqueles que não gostam de estudar) que cativou a turma 2013.2 do turno tarde e foi cativado. Tendo a certeza de que tudo que ele ensinou foi assimilado, a Literatura, que além de arte é um ensinamento para a vida.

À minha família meu pai, meus irmãos e principalmente minha mãe que me ajudou cuidando do meu filho para que eu pudesse ir à universidade.

Aos demais professores da instituição que direta e indiretamente contribuíram para minha formação e pela profissional que me tornei.

Aos colegas de classe, que são mais que colegas criamos um belo laço de amizade. Foram muitos momentos vividos durante este período de quase 5 anos.

Aos amigos que me incentivaram e que continuam a me incentivar a seguir meu caminho por esta profissão árdua, mas que quando feita com amor é gratificante.

“Todo tipo de ordem social, produz determinadas fantasias sob perigos que lhe ameaçam a identidade. Cada sociedade, porém, gera fantasias elaboradas segundo a sua própria medida do tipo de ordem social que se esforça em ser.” (BAUMAN, 1998, p.52)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A Era Vitoriana e o paralelo entre o moderno e pós-moderno	11
3 <i>Dorian Gray</i>, de Oscar Wilde: retratos do indivíduo pós-moderno	18
4 Considerações Finais	28
REFERÊNCIAS	29

DORIAN GRAY: UM RETRATO DO HOMEM PÓS-MODERNO

Jaquecilene Alves da Silva¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a representação social e a identidade do personagem Dorian Gray do romance *O Retrato de Dorian Gray*, publicado em 1890, pelo escritor e dramaturgo irlandês Oscar Wilde. Dorian Gray personifica ideais sociais, morais e filosóficos além daqueles presentes na sociedade inglesa da Era Vitoriana, atitudes estas que apontamos como representações do sujeito pós-moderno. Nesse contexto, a pós-modernidade pode ser definida como uma manifestação sociocultural, a qual o personagem se adequa por apresentar segundo Hall (2009), uma identidade descentralizada e está entre as classes minoritárias que anseiam por igualdade, fraternidade e liberdade. Nessa pesquisa utilizamos estudos propostos por Bauman (1998), Bhabha (1998), Hutcheon (1991), Lyotard (1988), Matthews (2004), Santos (1988), entre outros, que abordam a questão do sujeito da pós-modernidade e nos proporcionaram embasamento para discutir nosso objeto de estudo.

Palavras-Chave: Dorian Gray. Indivíduo. Pós-Modernismo.

1 INTRODUÇÃO

O Retrato de Dorian Gray, único romance do escritor e dramaturgo irlandês Oscar Wilde, foi alvo de duras críticas quando foi primeiramente publicado em 1890 por ter em seu conteúdo temas considerados imorais e subversivos para a época, e por “ofender” a moral e os bons costumes dos vitorianos.

Através desse romance decadente, Wilde possivelmente adentra numa ferida profunda da sociedade daquela época: criando uma identidade do sujeito com nuances pós-modernos. De acordo Hall (2009), no pós-moderno as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo então surgir a fragmentação da identidade do protagonista do romance de Wilde, Dorian Gray.

O personagem referido é uma representação da “vida de aparências” que tanto os vitorianos cultuavam, assim como Lord Darlington da peça *A Importância de ser Prudente*. Dorian Gray expunha seu gosto pelo luxo e o culto pelo belo como um bom exemplo do dândi decadente do fim do século XIX, sendo assim um exemplo de alterego do próprio Oscar Wilde, como muitos críticos até hoje discorrem. Todavia, tais características são acrescentadas de uma inconstante falta de personalidade própria, como se ele fosse um livro em branco que começaria

¹ Aluna de Graduação em Letras Inglês na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: jaquicilenealves709@gmail.com

a ser escrito a partir do que terceiros lhe impunham. Sendo de fácil manipulação, Dorian Gray gosta de fazer as coisas que lhes são ditas. Provavelmente, com este personagem obtém-se um tipo de particularidades indentitárias, com novas ideologias para as categorias menos favorecidas, a exemplo de uma definição concreta de sua orientação sexual.

Alguns teóricos acreditam que Oscar Wilde tenha sido o escritor precursor do modernismo. No entanto, seu personagem Dorian Gray nos leva a crer que ele foi adiante deste movimento, uma vez que ele não apresenta uma identidade fixa. Tal mudança deve-se a uma crise de identidade em que o personagem representa bem os lados do ser humano: o bom e o mal, em que a sociedade impõe ao indivíduo, como ele deve se portar em sociedade. Durante o romance Dorian Gray começa a ser percebido como um “monstro” não só pela prática de atos “imorais”, mas também por ser um indivíduo diferente dos padrões da sociedade inglesa do final do século XIX.

Para Bhabha (1998), nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do ‘presente’ no qual os meios para se conseguir algo desejado não têm importância, mas sim apenas conseguir atingir um objetivo. Tal fato torna-se perceptível no romance quando Dorian deseja que o quadro pintado por seu amigo Basil Hallward envelheça em seu lugar e ele permaneça eternamente jovem, logo após quando esse desejo sobrenatural é atendido, Dorian Gray inicia então sua vida imoral e passa então a não se importar mais com as pessoas.

O abordar a noção de pós-moderno, remetemos ao termo “pós” como um momento de transição entre o passado e o presente em que o espaço e o tempo se cruzam causando uma desorientação do sujeito social. No entanto, o afastamento dos gêneros e da classe como categorias conceituais gerou um desequilíbrio de identidade. Desta forma, “O *Retrato de Dorian Gray* entra em conflito com uma época de intolerância e repressão exacerbadas em matéria sexual.” (WILDE, 2016, p.23).

Assim, é preciso compreender a diferença cultural como produção de identidades minoritárias, presentes numa mesma sociedade. A pós-modernidade atua na consciência de que os limites são as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes e até dissidentes. Ao nosso entendimento, o personagem encontra-se inclusive nesta minoria da sociedade, pois no século XIX pouco se discutia abertamente sobre temas de gênero, raça e etnia, e principalmente sobre prazeres. Dorian é tudo aquilo que deveria estar escondido nas máscaras da sociedade.

Nossa pesquisa será subdividida em duas seções. No primeiro deles apresentaremos algumas breves considerações sobre o contexto histórico da era Vitoriana e adentraremos numa discussão sobre o moderno e pós-moderno, cujas discussões servirão de base para a análise do nosso objeto de estudo, que se dará no segundo capítulo.

2 A Era Vitoriana e o paralelo entre o moderno e pós-moderno

Em meados do século XIX a Inglaterra passou por inúmeras mudanças sociais como a Revolução Industrial que acarretou um avanço significativo em toda a história do ocidente, acelerando o processo capitalista. Nesse cenário, de acordo com Maia e Oliveira (2011), algumas correntes filosóficas foram se destacando a exemplo do socialismo defendido por Karl Marx, que ainda no século XIX já elucidava críticas às ideias pós-modernas. Ademais, para Mathews (2004) exatamente nesse período surgiu uma manifestação cultural e social denominada *modernismo*, movimento característico do período da denominada Era Vitoriana (1837-1901), outrora governado pela rainha Vitória.

Em contrapartida, outro acontecimento, a Revolução Francesa (1789-1799), já mostrava que as ideias pós-modernas pairavam pela França, movimento este que deixou marcas em todo continente Europeu e no ocidente. Contudo, o que resumia essa revolta eram três palavras bem comuns ao pós-modernismo; “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”.

Assim, o modernismo surge como manifestação em decorrência do avanço industrial. Desta forma, os artistas encontravam nas artes um meio de criticar o governo e o comportamento da sociedade Vitoriana. Desta forma, por volta de 1884 segundo Mathews (2004), surge um manifesto entre os artistas e o país começa a decair. De acordo com Mathews (2004), o modernismo corresponde ao período de 1890-1930 e, é marcado pela decadência, o esteticismo e o dandismo², nos quais os escritores faziam uso de símbolos para escreverem.

O "modernismo" é, naturalmente, de qualquer forma um termo aplicado à escrita literária deste período retrospectivamente. A ressonância histórica da palavra "modernismo" como contraditório para descrever os aspectos uniformes do período, no entanto, revela muitas das tensões que se expandiriam em respostas as críticas subsequentes aos seus textos. (MATTHEWS, 2004, p.8 – Tradução nossa)³

² Eram chamados de dândis aquelas pessoas que tinham um modo atípico de se vestir e se comportar, amoral.

³ 'Modernism' is, of course, anyway a term applied to the literary writing of this period *retrospectively*. The historical resonance of the word 'modernism' as a counter to play when describing uniform aspects of the period, however, reveals many of the tensions which would be expanded upon in subsequent critical responses to its texts.

De acordo com, Matthews (2004) o modernismo foi um movimento literário e cultural necessário para retratar as condições sociais individualistas apresentadas nesse período, mas apesar disto, alguns artistas foram fortemente censurados entre eles encontra-se o Francês Flaubert (escritor de *Madame Bovary*) e o Irlandês Oscar Wilde (escritor de *O Retrato de Dorian Gray*), o qual levou a sua condenação por elencar problemas sociais, tais como a opção sexual.

As mudanças apresentadas no contexto social de acordo com Santos (1988), mesclam a decadência do modernismo com o renascimento cultural. Assim, com o surgimento dessa nova manifestação cultural, o pós-modernismo se diferencia do modernismo por possuir outras características apresentadas por um novo padrão de sociedade. Enquanto o homem moderno expressava o temor a Deus, por exemplo, o sujeito pós-moderno vive sem pensar no amanhã. Contudo, não podemos pôr de lado a importância da modernidade para a sociedade.

Mas se a pós-modernidade significa mudanças com relação à modernidade, o fato é que não se pode dispensar o aço, a fábrica, o automóvel, a arquitetura funcional, a luz elétrica — conquistas associadas ao modernismo. Assim, no fundo, o pós-modernismo é um fantasma que passeia por castelos modernos. (SANTOS, 1988, p.18)

Assim, Santos se refere ao termo pós-modernismo como um “fantasma” por se tratar de uma extensão do moderno. Para tanto, “o pós-modernismo é um ecletismo, isto é, mistura várias tendências e estilos sob o mesmo nome. Ele não tem unidade; é aberto, plural e muda de aspecto se passamos da tecnociência para as artes plásticas, da sociedade...” (SANTOS, 1988, p.18). Com isso, a sociedade pós-moderna é vista como um robô que não para e não possui quaisquer tipos de sentimentos. Desta forma, a sociedade industrial foi de extrema importância para o progresso capitalista nos séculos XIX e XX. O indivíduo inserido nesta manifestação cultural e social buscava seu lugar de inserção numa sociedade moderna individualista incapaz de aceitar as classes subjugadas inferiores (SANTOS, 1988).

A visão sobre o pós-moderno proposto por Bhabha (1998) afirma que essa manifestação cultural gerou uma crise social entre o indivíduo e a sociedade. Assim, para o autor, nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do ‘presente’. Este termo “pós” é um momento de transição entre o passado e o presente, em que o espaço e o tempo se cruzam, causando uma desorientação do sujeito social. No entanto, o afastamento dos gêneros (feminino e masculino) e da classe como categorias conceituais gerou um desequilíbrio de identidade. Bhabha (1998) adiciona:

O direito de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão na 'minoría'. O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades incomensuráveis na invenção da tradição. (p. 21)

Consequentemente Bhabha (1998) afirma que o reconhecimento de si do indivíduo é limitado. Com isso, nos anos 1980 e 1990 a modernidade eclode no ocidente indagando sobre “o historicismo que liga analogicamente, a uma narrativa linear, o capitalismo tardio e os sintomas fragmentários, em simulacro ou pastiche, da pós-modernidade” (p.242). No entanto, o afincamento da sociedade em desenvolver um sujeito pós-moderno capaz de alcançar um conhecimento, tornando-o um ser intelectual, fez com o sujeito da pós-modernidade perdesse seus valores morais e éticos.

Deste modo, o capitalismo que surgiu na Revolução Industrial no período da modernidade reinou na pós-modernidade, fazendo da sociedade um ambiente desestabilizado emocionalmente. Ainda, para Bhabha (1998), os aspectos desse “novo sujeito” fizeram com que se abrisse uma ruptura cultural na sociedade. Logo, tais acontecimentos sociais transformaram o indivíduo segmentado capaz de participar das várias esferas sociais impostas ao próprio.

Nas palavras de Linda Hutcheon (1991), o pós-moderno é uma prática que tem atuado no sentido de contestar estes fatores que predominavam neste período apontado por Bhabha (1998), quando as pessoas só poderiam ser aquilo que a sociedade julgava ser correto, sendo uma forma em que o sistema de valores subjacentes do humanismo não poderia ser ignorado. Desta forma, as expressões culturais como a pintura, a música, a dança, a literatura, etc. “parecem ser a arte paradoxalmente caracterizada pela história e também por uma investigação internalizada e auto reflexiva sobre a natureza, os limites e as possibilidades do discurso da arte” (HUTCHEON, 1991, p.42).

Ademais, de acordo com Hutcheon (1991), sendo a arte um meio de expressão cultural, configura-se como o principal interesse do pós-modernismo, fazendo uma relação paródica com a arte e o passado. Ainda segundo a autora, há um formalismo presente na pós-modernidade que provoca um confronto entre o estético do “mundo” exterior com o mundo discursivos de sistemas semânticos definidos por passado e presente. No entanto, Hutcheon (1991), afirma que a ideologia e o estético tornaram-se inseparáveis na pós-modernidade.

Assim o indivíduo idealiza uma situação baseado no estético, tornando segundo Hutcheon (1991), uma verdade ilusória. “A ideologia constrói e é construída pelo modo como

vivemos nosso papel na totalidade. ” (HUTCHEON, 1991, apud COWARD E ELLIS, 1977). Contudo, as práticas sociais existem na ideologia e por meio da mesma e, como tal configura as formas nas quais aquilo que acreditamos está ligado a estrutura de poder.

Entretanto estas práticas sociais apontadas por Hutcheon (1991), envolvem as artes de maneira geral, o que contribuiu para que houvesse um desconforto entre as artes e a sociedade como um todo.

Acrescenta-se a essa separação histórica uma desconfiança em relação ao artístico, desconfiança que é geral em grande parte do mundo anglo-americano, uma visão que considera a arte como sendo trivial, insignificante e imaginária, e, portanto, isolada das realidades sociais e históricas da verdadeira vida. É uma visão implicitamente compartilhada por muitos comentaristas de ambos os extremos do espectro político, desde o neoconservador até o marxista. (HUTCHEON, 1991, p.228)

Desta forma, o ambiente pós-moderno causou um conflito entre a suposta realidade social e as artes. Contudo, de acordo com Hutcheon (1991), ambas têm reconhecido de forma autoconsciente seu posicionamento ideológico no mundo, tais como as classes minoritárias que estão se fazendo ouvir numa cultura ocidental aparentemente monolítica. Assim, para Hutcheon (1991), não há como dissociar as contradições existentes entre experiência cultural e experiência social, no qual tentar abrandar estabeleceria uma reação fora do contexto humanista.

Por conseguinte, de acordo com Stuart Hall (2009) a sociedade pós-moderna tem apresentado um sujeito descentralizado, isto é, um sujeito que possui uma ‘crise de identidade’, ou seja, o indivíduo está em conflito consigo mesmo, numa busca sem sentido do “eu”, numa tentativa de se alocar em uma nova perspectiva de sociedade que emergia no século XX.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando nas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais(...). Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (HALL, 2009, p.9).

Entretanto, ainda na modernidade o sujeito foi fragmentado devido “a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida. ” (HALL, 2009, p.15). Desta forma, o sujeito nos séculos XIX, XX e XXI possui características de um estilo de vida descentralizado. Contudo, Hall (2009), afirma que o sujeito social nasce, desenvolve-se e morre assim, designando o processo do sujeito moderno até o pós-moderno que é chamado modernidade tardia. Antigamente não se acreditava que fosse possível tal transformação, no entanto alguns teóricos argumentavam que a partir do Humanismo Renascentista e o

Iluminismo o sistema social da modernidade entrou em movimento. A cada passo que a sociedade evolui o sujeito a segue. Entretanto o sujeito moderno nasceu no meio da dúvida e do ceticismo metafísico. Assim, na modernidade o sujeito era o dono da razão, do conhecimento e da prática; e aquele que sofria as consequências dessas práticas era classe inferior àquela que estava sujeita a um estado capitalista. Nesta sociedade sempre existiu o indivíduo soberano que só pensava em seus interesses.

Desta forma, o sujeito atribui valores a sua identidade cultural como afirma Hall (2009), que as identidades culturais do sujeito como; a sua nacionalidade por exemplo, é algo metafórico, pois estas identidades não estão integralmente em nossos genes. Todavia, esta identidade pertence ao indivíduo, pois a mesma designa a natureza do ser. Entretanto, Hall (2009) aponta que o discurso da cultura nacional não é moderno como demonstra ser, pois as identidades ficam de modo neutro entre passado e futuro. Assim, o indivíduo é tentado pela sociedade a voltar para o passado, explica Hall (2009), que a sociedade quer voltar o tempo em que a nação era “grande”.

Por conseguinte, Hall (2009), expõe que as identidades culturais permanecem fortes, exigindo seus direitos perante a lei. Contudo, ainda segundo Hall (2009) as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes ficando acima da cultura nacional. Nesse sentido, as identidades se fortalecem e geram novas identidades. “(...) existem também fortes tentativas para se reconstruírem identidades purificadas” (HALL, 2009, p.92). Todavia, Wilde (2016) faz uma tentativa de purificar a identidade de sua personagem Dorian Gray, que após tomar tantos caminhos errados procura se regenerar frequentando a igreja.

Para tanto, Bauman (1998) afirma que um padrão ideal de pureza no qual o indivíduo precisa se proteger de um mundo externo, que muda com o decorrer do tempo. Assim as preocupações sobre a pureza e em mantê-la longe da “sujeira” do mundo torna-se uma questão universal. Deste modo a “sujeira” a qual Bauman se refere é todo aquele indivíduo que não se encaixa nos padrões ditados pela sociedade, que tenta a todo custo mascarar essa minoria que tenta com esmero um lugar de respeito perante a sociedade.

Isso deixa à parte a maioria das coisas que preenchem a vida diária de todo ser humano: a busca da sobrevivência e auto engrandecimento, a consideração racional de fins e meios, a avaliação de ganhos e perdas, a procura do prazer, a política, a economia... Acima de tudo, penetrar nesse espaço representa tirar uma folga da atividade cotidiana deixar do lado de fora suas normas e convenções mundanas. (BAUMAN, 1998, p.62)

Assim, nessa busca por uma detenção de conhecimento (poder) os indivíduos não medem esforços e estratégias para conseguir seus objetivos e com isso, vão deixando de lado

valores morais e éticos. De acordo com Bauman (1998), a identidade a ser formada pela pós-modernidade evita que o sujeito crie “raízes” consigo e com os indivíduos que habitam o seu ciclo pessoal.

Todavia a identidade apresentada, ou aquela à qual a sociedade queria mostrar no século XIX como “durável e bem costurada” não pertence ao pós-modernismo. A vida pós-moderna exige de nós agilidade e pressa para descobrir, inventar e construir um sujeito capaz de conseguir seus objetivos. Assim, este sujeito se tornou individualista incapaz de pensar no bem comum. Consequentemente, um medo presente nesta geração pós-moderna chama-se “morte”, pois como aponta (BAUMAN, 1998, p. 192) “a implacável realidade da morte que torna a imortalidade uma proposta atraente, mais é a mesma que torna o sonho da eternidade uma força ativa(...)” Assim, o indivíduo numa tentativa de conseguir tudo o que quer acaba por esquecer que com a morte tudo termina. No entanto, a morte é abordada no romance *O Retrato de Dorian Gray* de modo que o indivíduo (Dorian Gray) não a suporta, pois tem medo por não poder controlá-la. “A morte é a única coisa que me aterroriza.” (WILDE, 2013, p.303). Assim, o sujeito pós-moderno teme aquilo que está longe do seu domínio.

Entretanto, Lyotard (1988) afirma que o individualismo do sujeito pós-moderno não ocorre de modo isolado, mas sim de forma complexa. Desta forma, o ser humano é instável e sofre reajustes que acabam afetando o ‘sistema’ com a finalidade de alcançar melhorias, ou seja, a sociedade é moldada para atender a novas perspectivas adquiridas pelo novo “modelo” de indivíduo.

Assim, esse sujeito apresenta-se como um ser social que pertence a uma “rede de jogos de linguagem que pode parecer bem afastada de uma realidade moderna” (LYOTARD, 1988, p.31). No entanto, há instituições, nas palavras de Lyotard (1988), que determinam limites para este jogo de linguagem, no qual o indivíduo não apresenta dificuldades para execução. Entretanto o sujeito como afirma Lyotard (1988), esse jogo de linguagem possui duas características relevantes para a história moderna (o saber e suas instituições). Assim, para Lyotard (1988) o indivíduo como um todo possui o direito sobre a ciência, sendo o sujeito um ser livre para fazer suas escolhas. Desta forma, a humanidade recebe sua legitimidade consagrada pela política.

No entanto, Lyotard (1988), afirma que a ciência deve auxiliar os interesses mútuos da humanidade. Desta forma, a sociedade é capaz de abstrair o conhecimento oferecido pela ciência, fazendo com que a humanidade cresça com liberdade. Assim, “o saber encontra de início sua legitimidade em si mesmo e é ele que pode dizer o que é o Estado e o que é a sociedade.” (LYOTARD, 1988, p.62). Contudo, o saber influencia a pós-modernidade, pois

esta pertence a sociedade que com a decadência como explica Lyortard (1988) perdeu sua legitimidade.

(...) o traço surpreendente do saber pós-moderno é a imanência a si mesmo(...). O que pôde passar ao final do século XIX, por perda de legitimidade e decadência no “pragmatismo” filosófico ou no positivismo lógico não foi senão um episódio, por meio do qual o saber ergueu-se pela inclusão do discurso filosófico do discurso sobre a validação de enunciados com valor como leis. (LYORTARD, 1988, p.100)

Todavia, Lyortard (1988), afirma que foi por intermédio da inclusão do discurso filosófico que o saber alcançou o positivismo. Assim, para Lyortard (1988), o saber também possui muitas limitações as quais modificam a sua essência. Conseqüentemente, o saber está presente no discurso filosófico o qual são legitimados por leis.

De tal forma, um meio para a manifestação destas minorias é encontrado na literatura. De acordo com Vries (2013), Oscar Wilde é um ‘proto-pós-modernista’⁴, pois utiliza em suas obras ideias e práticas que atualmente considerariamos pós-modernas. No entanto, as ideias de Wilde estão ligadas ao seu tempo e podem ou não serem descartadas para a sociedade contemporânea.

Vries (2013) segue discutindo que Wilde não se associou abertamente a essas manifestações feitas pelas classes minoritárias, mas as representou artística e implicitamente em seu romance *O Retrato de Dorian Gray*, o qual Vries (2013) afirma que Dorian Gray e o pintor Basil Hallward possuem um tipo de relacionamento homo afetivo. Ainda segundo o autor, a interpretação feita por Wilde no romance tem “sua ênfase explícita na beleza e na individualidade, mas em geral o esteticismo não era claramente um movimento definido e delineado”⁵ (VRIES, 2013, p.12).

Desta forma, o esteticismo sendo um movimento artístico que surgiu na segunda metade do século XIX na Europa, atribuindo valores estéticos a literatura e outros meios de expressão de cultura. Os estetas defendiam a importância do belo na arte, que gerou a primeira manifestação esteticista a qual exigiam o domínio da arte pela arte. No entanto, estes eram os mesmos valores defendidos por Wilde, que em seu romance *O Retrato de Dorian Gray* deixa claro que a vida não imita a arte. Assim sua personagem principal representa o belo da arte exposta em um quadro. Podendo ele enquanto personagem fazer o que bem entendesse, pois, a arte ele estava acima de qualquer indivíduo.

⁴ Alguém que não é precursor do pós-modernismo, nem um pós-modernista, apenas compactua das mesmas ideologias.

⁵ “Wilde’s interpretation of this movement is his explicit emphasis on beauty and the individual, but in general Aestheticism was not a clearly defined and delineated movement.” (Tradução nossa)

3 *Dorian Gray*, de Oscar Wilde: retratos do indivíduo pós-moderno

O romance *O Retrato de Dorian Gray*, tem como personagem protagonista o jovem dândi e decadente Dorian Gray. O personagem é um ser fictício criado oferecer sentido a uma narrativa fictícia. Deste modo, o “conceito de personagem quanto a sua função no discurso está diretamente vinculado não apenas à mobilidade criativa do fazer artístico, mas especialmente à reflexão a respeito dos modos de existência e do destino desse fazer.” (BRAIT, 1985, p.28). Assim, a personagem é um ser que existe apenas no imaginário, mas que pode trazer consigo algum ensinamento moral ou ético para a sociedade.

Entretanto, esta discussão acerca do personagem ser real ou fictício remonta-nos à Grécia Antiga a partir dos conceitos de Aristóteles em sua *Poética*, como a *mimesis*, que seria a imitação do real. No entanto, um texto literário não é denotativo, por tanto não há “real” a ser imitado. Contudo, Aristóteles levanta questões relevantes sobre a função da personagem, que de acordo com (BRAIT, 1985, p.30) “é como reflexo da pessoa humana; [...] como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto.” Todavia, Oscar Wilde desconstruiu tal representação do reflexo humano quando criou Dorian Gray, uma personagem que não se adequava aos preceitos da sociedade vitoriana do século XIX que priorizavam a moral e os “bons costumes”.

Oscar Wilde utiliza ironicamente a sua personagem para representar uma falsa moral, resultante de uma sociedade hipócrita. Dessa forma, o termo apresentado por Aristóteles poderia se adequar a personagem Dorian Gray, uma vez que ele está “imitando o real” na visão de Aristóteles. Todavia, é contrária a visão de Wilde que como esteta defende a arte pela arte.

Nesse contexto, Dorian Gray representa uma sociedade a qual muitos não queriam/querem enxergar. Por outro lado, Wilde não estava preocupado em representar questões morais em seu romance e muito menos que Dorian seguisse tal caminho.

Wilde diz que o livro tem “uma moral”. A “moral”, tanto como somos capazes de perceber, é que o principal objetivo do homem consiste em desenvolver sua natureza ao máximo “buscando sempre novas sensações”, e que, quando a alma adocece, o modo de curá-la é não negar nada aos sentidos. (WILDE, 2016, p.13)

Todavia, Dorian Gray é o retrato de uma falsa moral, pois sempre busca novas sensações, no mais amplo sentido da palavra, sem se preocupar o que é lícito ou ilícito, ou moral ou imoral que a sociedade vitoriana estabelecia, seguindo apenas os desejos mais profundos de sua alma.

Sobre a personagem da narrativa, Candido (1995) aponta que há uma diferença entre a realidade e os objetivos intencionais do autor dependente de ser imaginários ou não. “A verificação do caráter ficcional de um escrito independe de critérios de valor. Trata-se de problemas ontológicos⁶, lógicos e epistemológicos” (p.15). Assim, a personagem de um romance possui um sentido tanto físico quanto psíquico, ou seja, nos possibilita compreender a configuração esquemática do personagem dentro do romance como um ser ficcional. No entanto, há um questionamento que nos faz refletir sobre até que ponto a personagem é real, pois sabemos que algo fictício não existe.

O romance *O Retrato de Dorian Gray* foi escrito em 1890, época em que ocorria o movimento artístico e cultural “modernismo”, como vimos anteriormente. Sendo assim, a personagem poderia tomar características modernas, a qual a sociedade da Era Vitoriana pertencia. Além disso, Dorian Gray representa ações muitas vezes mascaradas no período vitoriano, como a luxúria exacerbada, o hedonismo e ainda o individualismo, algumas das características modernas, como aponta Mathews (2004).

Entretanto, Oscar Wilde com a sua personagem Dorian Gray foi além da modernidade. Se atentarmos para a teoria que aponta o pós-moderno como continuidade do modernismo Wilde estaria nessa transição, como o autor que revolucionou a literatura moderna através da representação de um personagem que fugia dos modelos sociais e morais ingleses na última metade do século XIX.

O sujeito retratado psicologicamente com uma identidade estável e decidida, talvez, começa a se fragmentar a partir do século XX, contendo não só uma, mas várias identidades. Nesse período, um quadro mais complexo do sujeito e de sua identidade começa a emergir dos movimentos estéticos e intelectuais. Dependendo do lugar e ocasião, o ser humano assume um tipo específico de comportamento. A formação do indivíduo como pessoa começa na infância, quando esta vai aprendendo a lidar com os seus sentimentos, por isso se algo der errado nesse processo o sujeito se tornará frustrado emocionalmente, acarretando uma série de problemas. Para Hall (2009):

Os sentimentos contraditórios e não-resolvidos que acompanham essa difícil entrada (o sentimento dividido entre amor e ódio pelo pai, o conflito entre o desejo de agradar e o impulso para rejeitar a mãe, a divisão do eu entre suas partes "boa" e "má", a negação de sua parte masculina ou feminina, e assim por diante), que são aspectos-chave da "formação inconsciente do sujeito" e que deixam o sujeito "dividido", permanecem com a pessoa por toda a vida. Entretanto, embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida

⁶ Derivado de ontologia, palavra grega (ontos=ente e logoi=ciência do ser), se encarrega dos estudos voltados as propriedades dos seres em geral.

e "resolvida", ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo como uma "pessoa" unificada que ele formou na fase do espelho (HALL, 2009, p. 38).

Todo sujeito carrega dentro de si duas metades: a “boa” e a “má”, que, na verdade, precisa apenas ser controlada. Manter um equilíbrio entre ambas seria o mais saudável para nossa mente. Desta forma, o conceito da verdadeira “boa” aparência é expressado no romance através do personagem Henry Wotton faz referência e idolatra a beleza física (externa) e enquanto as mulheres procuram a beleza interior, a qual o jovem Dorian parece ter as duas. Assim, a “má” aparência, aquela do interior, da alma, acaba sendo mais estimulada. Dorian é tão belo que foi pintado à mão por Basil Hallward eternizando sua beleza no simulacro do real.

Esta tendência pós-moderna nos leva em direção a uma maior interdependência global, que poderá acarretar um colapso de todas as identidades culturais. Isso produz uma fragmentação de códigos culturais, além de uma multiplicidade de estilos e principalmente uma ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural, no qual a imagem é considerada por grande parte da sociedade mais relevante do que o seu caráter, por exemplo. Tais padrões de beleza são utilizados por Wilde para criticar a sociedade vitoriana, sendo esta beleza inútil, mas essencial.

Ora, meu caro Basil, ele é um Narciso e você – bem, obviamente você tem uma expressão intelectual e tudo mais. Mas a beleza, a verdadeira beleza acaba onde começa uma expressão intelectual. O intelecto por si só é um exagero, destruindo a harmonia de qualquer rosto. (WILDE. 2016, p. 77)

Assim, percebemos claramente a ironia feita por Wilde, separando beleza do conhecimento, elemento pós-moderno cuja importância jaz na sua aparência física. Ela enaltece a beleza (dorian) e menospreza a intelectual (Basil), logo, a intelectual não serve para nada se não se tem beleza.

À medida em que as sociedades modernas se tornavam mais complexas, segundo Hall (2009), adquiriam uma forma mais coletiva e social que se modificou com o pós-modernismo ao dar “voz” às minorias. As teorias clássicas liberais de governo, baseadas nos direitos e consentimento individuais, foram obrigadas a dar conta das estruturas do estado-nação e das grandes massas que fazem uma democracia moderna. Segundo (HALL, 2009, p.7), “as leis clássicas da economia política, da propriedade, do contrato e da troca tinham de atuar, depois da industrialização, entre as grandes formações de classe do capitalismo moderno.”

Este novo modelo sociológico que interage sociedade e sujeito, com sua reciprocidade

estável entre "interior" e "exterior", é, em grande parte, um produto da primeira metade do século XX, quando as ciências sociais assumem sua forma disciplinar atual. Desta forma, no romance Wilde (2016), destaca o modo como Dorian é visto pelas camadas sociais, no qual cada um tem sua interpretação do que é realmente importante. Podemos observar isto na fala de Henry, onde temos a visão de uma mulher (lady Agatha) e a de Henry.

Ela me disse ter descoberto um jovem maravilhoso, que a ajudaria (...). Sou obrigado a declarar que ela nunca me disse que ele era bonito. As mulheres não são capazes de apreciar uma boa aparência. Ou, pelo menos, as mulheres boas. Disse que ele era muito sério e tinha um excelente temperamento. (WILDE, 2016, p.99)

Assim, fica evidente essa separação sobre a visão de homens e mulheres e, que as mulheres são seres inferiores incapazes de perceber algo. No entanto, a sociedade “defende” a igualdade de direitos, porém limita os mesmos, acreditando numa raça superior. Não há homogeneidade das classes o preconceito não está nem perto do fim. A pós-modernidade marca esse período de luta entre as classes quando muitas questões ainda são tratadas com certo desprezo. Esta nova sociedade que se forma também é marcada pelo materialismo, onde bens materiais possuem mais valor do que pessoas e sentimentos. Assim o “exterior” do indivíduo tem mais importância do que o “interior”.

Consequentemente, a beleza exterior tem mais importância do que o intelecto do indivíduo gerando um conflito entre o que a sociedade deveria prezar com o que realmente preza. Vemos em Dorian um sujeito inicialmente adulto, mas com um seu senso crítico não desenvolvido, sendo assim isto tornaria fácil para qualquer um manipulá-lo. Todavia é isto que Henry faz quando eleva o ego do jovem mostrando o quanto era belo e o quanto as pessoas gostavam dele por isso, ou seja, independente do que fizesse as pessoas continuariam a adorá-lo pelo simples fato de ser belo:

Sim era sem dúvida maravilhosamente bonito, com os lábios escarlates finamente delineados, os olhos azuis e francos, os cabelos louros e encaracolados. Algo em seu rosto fazia com que as pessoas confiassem nele de imediato. Lá estava todo o condor da juventude, assim como a pureza apaixonada daquela fase da vida. (WILDE, 2016, p.103)

A partir da descrição acima apontamos que Dorian poderia lembrar um “anjo” de tanta doçura e candura que possuía fisicamente e, era isto que importava, sua beleza, pois só ela o bastava. Ele era idolatrado por Basil e desta forma o que Dorian falasse era tido como lei para Basil. Ainda, no trecho acima, afirmamos que o narrador retrata Dorian no começo do romance como um ser puro e imaculado diante de todos.

Por outro lado, para Basil, Harry seria uma má influência, mas nas palavras desse último “não existe uma boa influência, senhor Gray. Toda influência é imoral (...)” (WILDE, 2016, p.107). Dorian Gray representaria assim, uma falsa moral e que não se deve privar as sensações boas da vida.

Voltando ao pensamento de Santos (1988), uma das palavras que encanta o sujeito pós-moderno é a sedução. Desta forma o “mundo” pós-moderno é mais atrativo ao sujeito que busca por prazeres. Assim, obtemos um indivíduo que se recusa a amadurecer, deseja ser jovem. No entanto, a juventude é algo passageiro e Harry deseja que Dorian a aproveite o máximo possível. Dorian fica surpreso ao ver seu retrato pintado por Basil, pois até então não imaginava que fosse tão belo e já influenciado por Lord Harry, o jovem começa a ter consciência de sua beleza e sua vaidade começa a aflorar, imaginando como seria um dia ficar velho e perder sua beleza, o bem mais precioso que possuía. Então fez um desejo:

– Como é triste – murmurou Dorian Gray com os olhos ainda fixados no retrato. – Como é triste! Vou ficar velho, feio, desprezível. Mas esse retrato ficará jovem para sempre. Nunca será mais velho do que neste dia de junho... se simplesmente fosse o contrário! Se eu permanecesse jovem para sempre, e o quadro envelhecesse! – Por isso – eu daria tudo! (WILDE, 2016, p.117)

Desta forma, a personagem Dorian Gray encantado com a beleza do quadro remeteria a uma das preocupações do sujeito pós-moderno, pois o mesmo busca a imitação perfeita da realidade (SANTOS, 1988). No entanto, o jovem é idolatrado por ser belo, no qual sua única ocupação era tocar piano e/ou violino. Mas o que torna Dorian Gray tão deslumbrante aos olhos de todos era justamente o fato dele não se ocupar de nada “útil” para a época. Desta forma, para Santos (1988), Dorian Gray representaria oposto do que a sociedade (a grande massa) presenciava no século XIX com a Revolução Industrial, que não parava de trabalhar.

Entretanto, Oscar Wilde ironiza o indivíduo pós-moderno que possui uma situação financeira instável. Assim, seu personagem Dorian Gray não se preocupava com trabalhos para “homens”, muito menos em possuir algum “intelecto”. Desta forma Wilde constrói sua personagem fora dos padrões sociais da Era Vitoriana, quando as mulheres lady Agatha⁷ consideravam Dorian como um ser maravilhoso e que ajudaria no *East End*. No romance, este é um lugar frequentado por mulheres ricas, o que deixa claro que Dorian era visto como uma mulher, pois como apontamos anteriormente, ele não tinha uma profissão e agora estava frequentando lugares de lazer quase exclusivamente reservados às mulheres. Ainda, numa das

⁷ Personagem do romance *O Retrato de Dorian Gray*, tia de Harry.

falas Harry diz “as mulheres não são capazes de apreciar uma boa aparência” (WILDE, 2016, p.99), cabendo isso apenas aos homens.

No contexto do romance *O Retrato de Dorian Gray*, as palavras de Santos (1988) apontam para uma leitura do caráter pós-moderno do protagonista:

O indivíduo pós-moderno consome como um jogo personalizado bens e serviços, do disco a laser ao horóscopo por telefone. O hedonismo – moral do prazer (não de valores) buscada na satisfação aqui e agora – é a sua filosofia portátil. E a paixão por si mesmo, glamurização da sua auto-imagem pelo cuidado com a aparência e a informação pessoal, o entregam a um narcisismo militante. É o neo-individualismo decorado pelo narcisismo. (SANTOS, 1988, p.87)

No entanto, está sensação hedonista que é imposta ao jovem pela sociedade que pode ser representada por lorde Harry, que influencia fortemente o jovem Dorian. O contato entre Dorian e Harry desperta ciúmes em Basil, que diz: “Não sei o que Harry andou lhe dizendo, mas sem dúvida provocou em você a expressão mais deslumbrante” (WILDE, 2016, p.110). Isto mostra o quanto Dorian fica fascinado com o que ouviu do lorde Harry, que não foram apenas elogios à sua beleza, mas sim que o jovem fizesse tudo aquilo que desejasse fazer, pois isso seria a única razão para que sua ‘alma’ não adoecesse.

Entretanto, o retrato mostra para Dorian muito mais que a sua imagem refletida, mostrando também que a cada dia que se passa ele irá envelhecer e perder sua “beleza” e perdendo isso consequentemente ele perderia a atenção das pessoas, pois tudo que Dorian Gray queria era ser idolatrado. Para Harry ele sempre foi assim, apenas não tinha descoberto ainda. Assim, Basil o culpa pela reação de Dorian, quando Harry diz: “– É o verdadeiro Dorian Gray – isso é tudo” (WILDE, 2016, p.119).

Desta forma, Hall (2009) afirma que, na sociedade há diferentes identidades ao longo da história, “sujeito do Iluminismo”; indivíduo que seria o centro altamente individualista diferente do “sujeito sociológico”, pois este seria dependente de outros indivíduos, formando uma interação entre o “eu” e a sociedade. No entanto nos apegaremos ao sujeito pós-moderno, este composto por várias identidades, tão suscetível a mudanças sendo assim um sujeito instável e sem coerência. Assim, para esse sujeito a identidade unificada não passa de fantasia.

De acordo com Santos (1998, p.98), “a sedução pós-moderna diz de mil maneiras ao indivíduo: libere seus desejos, há bens e serviços só para você”. No romance, Lorde Harry age como um “sedutor” e acaba convencendo Dorian Gray a provar os prazeres da vida, levando-o a conhecer lugares que jamais imaginou conhecer, como a noite do *East End* londrino. Dorian frequenta bastante a casa do lorde Harry e praticamente vive lá tendo a leitura como *hobbie*, ele

lia o *Manon Lescaut* romance francês considerado escandaloso por conter em seu teor uma vida profana. Assim, subentende-se que Dorian Gray foi motivado pela leitura a consumir desta nova “cultura”.

O espectador é o que vê, mas também o que espera por novas imagens atraentes e fragmentárias para consumir. Ele se acha mergulhado na cultura blip – cultura do fragmento informacional, cintilações no vídeo. Assim, por um lado a espetacularização motiva e controla a nebulosa de espectadores mantendo-a continuamente à espera de novas imagens, bens e serviços; por outro, pela estetização, glamuriza e alivia a banalidade cotidiana. (SANTOS, 1988, p.96)

Assim, Dorian vai em busca de novos sabores e em uma noite quando se perde nas ruas de Londres, acaba entrando em um teatro qualquer onde vê e apaixona-se por uma jovem atriz chamada Sybil Vane, que logo fica encantado com tanta beleza e mistério. Dorian Gray adora o fato de poder ver em Sybil a representação de várias personagens da literatura: “ela é todas as heroínas do mundo numa só pessoa. É mais que um ser individual” (WILDE, 2016, p.141). Mas, Dorian se apaixona pelas personagens que ela interpreta e não pela pessoa verdadeira. Desta forma marcando o individualismo marcado pelo “eu”. Todavia quando o mesmo é questionado quando a moça (Sybil Vane) será ela mesma Dorian responde: “nunca”, demonstrando assim ser uma pessoa egoísta, que sem pensar duas vezes movido por uma paixão de momento resolve se casar com a moça.

O pós-moderno de acordo com Santos (1988), como uma paixão com prazo de validade que logo perderá o desejo e encontrará uma nova paixão. Assim, Dorian Gray está completamente encantado por Sybil e diz que se sente melhor ao lado dela: “a crença dela me faz bem. Quando estou com ela lamento tudo que você me ensinou” (WILDE, 2016, p.161). Porém, a paixão de Dorian só durou até o momento em que a jovem Sybil Vane encenou pela última vez, pois ela não queria mais interpretar porque pensava que havia encontrado o amor verdadeiro em Dorian; mas o jovem “sofre” uma grande decepção por não esperar tal atitude já que para ele o que mais importava era o fato de Sybil poder ser várias outras pessoas.

Num diálogo entre esses dois personagens, isso torna-se claro:

Você costumava excitar minha imaginação. Agora não excita nem minha curiosidade. Simplesmente não produz nenhum efeito. Eu a amava porque você era maravilhosa, porque tinha gênio e intelecto, porque tornava real os sonhos de grandes, dando forma e substância às sombras da arte. Você jogou tudo isso fora. Você é superficial e ignorante. (WILDE, 2016, p.171)

Dorian Gray então agiu de forma cruel com alguém que disse amar e o casamento foi deixado para trás a partir de então. Ao chegar em casa quando observa o seu retrato, percebe que ele está diferente, ficando feio, então lembra-se das palavras que disse quando viu o retrato pronto. Porém, Dorian não acha que teria sido cruel com Sybil e a culpa por ter agido de tal maneira; então começa a pensar que “o quadro mudado ou não seria para ele o emblema de sua consciência.” (WILDE, 2016, p.177)

Desta forma, compreendemos que a consciência e Dorian Gray é refletida no quadro para que ele não esqueça que suas ações seriam moralmente erradas, fazendo assim com que o personagem tente se manter dentro das normas sociais. Todavia, um “Deus punitivo plantou no coração do homem a culpa – sua flor mais nefasta.” (SANTOS, 1998, p.76) e com isso, o sentimento de culpa atormenta o personagem por toda a narrativa.

Posteriormente, Dorian pensa em procurar Sybil para se desculpar de suas ações, mas recebe a notícia que ela havia se suicidado. Mas agora sua grande preocupação era não estar com o nome envolvido em tal ocorrido, pois “em Londres(...) ninguém deve fazer sua estreia na vida social com um escândalo” (WILDE, 2016, p.185). De início, Dorian se sente culpado por ela ter feito isso, mas Harry diz para ele que “a moça nunca viveu, e por isso nunca morreu de verdade” (WILDE, 2016, p.193). Isto o faz se sentir melhor e pensar que a vida da moça não valia nada. A partir de então Dorian Gray deixa que a vida seguir, levando uma vida sem regras, buscando as sensações e ações mais sórdidas e exóticas:

Sentiu que enfim chegara a hora da escolha. Ou sua escolha já havia sido feita? Sim, a vida decidira por ele – a vida e sua curiosidade infinita pela vida. A juventude eterna, a paixão sem limite, prazeres sutis e secretos, alegrias ousadas e pecados ainda mais ousados – ele teria todas essas coisas. O retrato arcaria com o ônus de sua vergonha: isso era tudo. (WILDE, 2016, p.195)

Desta forma, o belo quadro agora representaria a feiura de sua alma, embora o jovem não estivesse preocupado com isso. Dorian, fica então a admirar como o quadro as mudanças em seu retrato; parece que isso desperta um certo voyeurismo na personagem, em sentir prazer ao observar como sua transfigurada no retrato está cada vez mais em decadência.

Entretanto, após muito tempo Basil pede para ver o retrato e Dorian, assustado, diz que o pintor não poderia ver sua obra, mas de tanto insistir Dorian acaba convencendo Basil a não o vê. Após esse fato, Dorian resolve esconder o quadro em um lugar onde só ele tivesse acesso, pois onde ele se encontrava qualquer um poderia vê-lo. Assim, Dorian estava a se tornar um ser humano sem escrúpulos, que estava se deixando controlar pelo seu ego. Contudo a sociedade

da era vitoriana enfrentava uma ditadura de beleza a qual a personagem representa como sendo um novo intelecto e quem não a possuísse seria um ser inferior.

Dorian acreditava que a verdadeira natureza dos sentidos nunca havia sido compreendida, que eles haviam permanecidos animais e selvagens simplesmente porque o mundo buscava mata-los de inanição ou de dor em vez de ter como objetivo transformá-los em elementos de uma nova espiritualidade na qual um apurado instinto de beleza seria a característica dominante. (WILDE, 2016, p.231)

Por conseguinte, o pós-modernismo é caracterizado também por essa ditadura de beleza, no qual com o avanço tecnológico as pessoas tendem a modificar suas aparências físicas esquecendo o valor de sua aparência interior. Bem como a personagem elucida este comportamento da beleza ser soberana, desvalorizando os valores propostos numa sociedade.

Desta forma, Santos (1988), afirma que;

Fim, Unidade, e Verdade e sua valorização, desvalorização e transvalorização. Com isso, Nietzsche está abalando três pilares da cultura ocidental: cristianismo (Fim), o conhecimento científico (Unidade) e a Razão filosófica e moral (Verdade). A pós-modernidade é o momento em que tais valores, ainda atentos e fortes durante a modernidade industrial, entram em decadência acelerada (SANTOS, 1988, p.76).

A verdade e a realidade eram algo das quais Dorian Gray sempre fugia. Para ele isto era feio, horroroso e como “a feiura tornava as coisas terrivelmente reais!” (WILDE, 2016, 221), disse ele ao lorde Harry. Dorian Gray era tido como ícone de beleza adorado por todos como uma obra de arte. O simulacro que todos queriam ser. Era uma pessoa sem escrúpulos e a única coisa que lhe importava era sentir novas sensações, provenientes da filosofia hedonista.

O pós-moderno nesse sentido pode ser aplicada ao sujeito social, como ele, que mascara o seu verdadeiro “eu”, utilizando várias identidades, tornando-se uma pessoa diferente a cada momento imposto pela sociedade. Contudo, Hall (2009) afirma que as identidades possuem um tempo e um espaço simbólico, sendo assim, as mudanças ocorrem no subconsciente do indivíduo no romance após o mesmo ter “experimentado” muitas coisas do mundo.

– Cultura E devassidão – murmurou Dorian. – Conheci alguma coisa de ambas. Agora me parece que horroroso as duas sejam encontradas juntas. Porque tenho um novo ideal, Harry. Vou me transformar. Acho que já mudei.
– Não me disse qual foi sua boa ação. Ou será que fez mais de uma? (WILDE, 2016, p.301)

Entretanto, como uma identidade fragmentada Dorian agora manifestava mais uma vez uma vez o desejo por mudança. Assim, começou a se “regenerar”, fazendo coisas boas e não

usando as pessoas para o seu benefício. Contudo, este fato pode ter sido gerado pelo fato de Dorian ter expressado que não gostava da morte. “Odeio a morte. A morte e a vulgaridade são as duas realidades do século XIX das quais não conseguimos nos livrar. ” (WILDE, 2016, p.303). Apresentando assim mais uma característica pós-moderna que é o medo que o indivíduo possui de lhe dar com a morte. Podendo este ser um motivo para o mesmo abandonar a vida de pecados fazendo com que Dorian buscasse a Deus.

Um Deus exigira que os homens declarassem seus pecados na Terra assim como nos Céus. Nada que ele fizesse o purificaria antes que revelasse seu próprio pecado. Seu pecado? Sacudiu os ombros. A morte de Basil Hallward lhe parecia algo menor. Estava pensando em Hetty Merton. (WILDE, 2016, p.309)

O pós-moderno nos revela as faces de uma sociedade mesquinha, que só se preocupa consigo mesmo. A qual no primeiro ato de desespero “procura” a Deus como forma de aliviar o peso de sua consciência. No entanto, o arrependimento sem pagar perante as leis da sociedade, não deixariam o sujeito livre como prega o pós-modernismo. Evidentemente o sujeito encontra-se em constante mudança cultural o que não o impede de voltar atrás nos seus atos, os quais considere que errou, isto mostra que o indivíduo enquanto ser humano encontra-se em processo evolutivo.

Todavia, mesmo sabendo o que era ter consciência de algo Dorian se refere a mesma como sendo “a coisa mais divina que possuímos” (WILDE, 2016, p.184). Desta forma, a personagem reconhece os seus erros, contudo não é fácil abdicar dos erros por um motivo (a ética) considerado sem importância para seu mentor lorde Henry.

Em contraponto, a sociedade representada por Henry modula o sujeito (Dorian Gray), fazendo dele uma marionete, facilmente manipulável. No entanto, o que acontece com Dorian é que esta “sociedade” perde o controle das rédeas. Isto acontece na verdade, porque o sujeito é livre como o explica a teoria pós-modernista e sendo assim, é capaz de tomar suas próprias decisões. Contudo, Wilde (2016) considera o sujeito temeroso a sociedade, defende que o sujeito não tenha coragem para enfrentar os seus direitos de liberdade. “A coragem se evadiu de nossa raça. Talvez nunca a tivéssemos. O terror da sociedade, que é a base da moral, o terror de Deus, que é o segredo da religião... essas são as duas coisas que nos governam. ” (WILDE.2012, p.27). Entretanto, a pós-modernidade exhibe um homem livre que não teme, ou ao menos não deva temer estes valores mencionados por Wilde.

4 Considerações Finais

No entanto, acreditamos que o personagem principal do romance é um indivíduo pós-moderno, pois as características de identidade fragmentada, com atitudes individualistas estão presentes tanto no romance quanto na teoria. Entretanto, as teorias pós-modernas defendem que o sujeito que habita a sociedade pós-moderna é um ser descentralizado. Assim, a personagem Dorian no início do romance apresenta estas características por ainda não possuir uma identidade própria.

A sociedade quer moldar o sujeito à sua maneira, ignorando a essência do ser humano. Desta forma, compreendemos que Dorian poderia ter sido tentado por Henry Wotton quantas vezes fosse preciso, se em sua essência não coexistissem um pouco daqueles desejos obscuros, ou seja, estava na essência do ser de Dorian, pois caso contrário não teria tomado estas atitudes.

Todavia, Matthwes (2004) define o período de 1884, como o período da decadência, no qual a arte era vista apenas como arte, mas sim como um reflexo social. Entretanto, poderá haver sim interferência social na obra de um autor, pois este período foi marcado por manifestações no qual alguns artistas utilizaram da arte para exibir a verdadeira face da sociedade.

Estas manifestações alteraram o estilo de vida dos sujeitos. Desta forma, se tornaram mais individualistas e egoístas, assim como Dorian Gray quando se envolve em seus relacionamentos não pensa em um bem comum, apenas na sua própria satisfação. Uma geração marcada pelo niilismo, na qual nada tem mais importância do que sua aparência. Nesta sociedade pós-moderna o sujeito dificilmente é ele mesmo, a cada situação vivida uma espécie de “máscara” é utilizada, caracterizando segundo Hall (2009) uma crise na identidade do indivíduo. Vale ressaltar que na Era Vitoriana a opção sexual não era vista como uma identidade o que levava a personagem a assumir outros papéis.

Um dos possíveis medos que o sujeito pós-moderno apresenta é o da morte, pois este não se pode controlar, ou seja, o indivíduo teme aquilo que não pode ser dominado. Desta forma, percebemos durante a análise o quanto Dorian teme a morte.

Neste trabalho podemos observar o quanto Dorian Gray se adequa ao sujeito pós-moderno, mesmo pertencendo ao século XIX Oscar Wilde partilhava das ideias pós-modernistas. Sendo assim, Dorian contribui como sujeito pós-moderno, pois é retratado no romance como um dândi, anti-herói, etc. características que se opõe a Era Vitoriana.

DORIAN GRAY: A PORTRAIT OF THE POST-MODERN MAN

ABSTRACT

This work aims to analyze the social representation and the identity of the character Dorian Gray, from novel *The Portrait of Dorian Gray*, published in 1890 by the Irish writer and playwright Oscar Wilde. Dorian Gray embodies social, moral and philosophical ideals that go beyond those in the English Victorian Era society; we point out that such attitudes as being representations of the post-modern man. In this way, postmodernity can be defined as a sociocultural manifestation, which the character is fit to present according to Hall (2009), a decentralized identity and is among the minority classes that yearn for equality, fraternity and liberty. In this study we used theories proposed by Bauman (1998), Bhabha (1998), Hall (2009), Hutcheon (1991), Lyotard (1988), Matthews (2004), among others which deal with postmodernity and proportioned us the theoretical framework to discuss our study object.

Keywords: Dorian Gray. Individual. Postmodernity.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. Tradução de: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1985. (Série Princípios).

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10ª ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Editora IMAGO. Série Logoteca, Ed. 1991.

LYOTARD, Jean-François. **O Pós-moderno**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio J.o., 1988. Tradução de: Ricardo Corrêa Barbosa.

MAIA, Antonio Glaudenir Brasil; OLIVEIRA, Renato Almeida de. **Marx e a crítica contemporânea à pós-modernidade**. Revista de Filosofia: Argumentos, Ceará, v. 3, n. 5, jan/jun. 2011, p.81-90.

MATTHEWS, Steven. **Modernism**. New York: Oxford University Press Inc., 2004.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. (Coleção primeiros passos).

VRIES, Kees de. **Oscar Wilde and Postmodern Thought**. 2012. 364 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letters, Bangor University, Bangor, 2013.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Editora Landmark, 2016.